

[239]

# Um Macron no Brasil?

José Eli da Veiga

*Valor*, Quarta 28 de fevereiro de 2018, p. A15

O agora quarentão Emmanuel Macron permaneceu absolutamente desconhecido até setembro de 2014, quando saiu dos bastidores para se tornar, por apenas dois anos, o terceiro dos quatro titulares da economia que se sucederam no governo François Hollande (2012-2017). Ainda ministro, criou em abril de 2016 o movimento “En Marche!”, que somente em maio de 2017, após o segundo turno da eleição presidencial, na preparação das subseqüentes legislativas, virou o atual partido “République En Marche” (REM, oficialmente LaREM).

Tão inusitado fenômeno político continua a suscitar uma profusão de perguntas, além de frequentes especulações sobre a possibilidade de algo análogo vir a ocorrer por aqui. Razoáveis respostas nem caberiam neste espaço, mas todas passariam necessariamente pelo realce de alguns poucos fatos merecedores de mais atenção, tanto de comentaristas e analistas, quanto de militantes.

Macron é um “énarque”, apelido dos que cursam a “ENA, École Nationale d’Administration”, criada em 1945 pelo governo provisório do general De Gaulle com a missão precípua de formar os mais altos quadros do Estado. Seus alunos se comprometem a uma dedicação de ao menos dez anos à função pública, sob pena de multa. A de Macron foi de 54 mil euros, pagos em 2016, quando pediu demissão da “IGF, Inspection Générale des Finances”, seu primeiro emprego.

Aos 30 anos, esse novato inspetor do Ministério das Finanças assessorou importantíssima comissão apartidária incumbida de formular orientações para uma retomada do crescimento econômico. Convocados pelo ex-presidente Nicolas Sarkozy (2007-2012), conceituados experts trabalharam sob a liderança do profícuo Jacques Attali, o melhor dos conselheiros do saudoso presidente François Mitterrand (1981-1995), falecido em 1996.

Estão nas 316 propostas apresentadas no tijolo elaborado pela Comissão Attali as ideias que se tornariam diretrizes programáticas do “En Marche!”, depois de muito atazanar a corte socialista do governo Hollande entre os recessos de verão de 2014 e 2016.

A ascendência de Macron sobre Hollande começara bem antes disso. Aproximaram-se desde os idos de 2010-11, na articulação da bem duvidosa pré-candidatura Hollande, quando o indiscutível favorito dos socialistas para enfrentar Sarkozy ainda era “DSK”, o famigerado mandachuva do FMI, Dominique Strauss-Khan.

Posição estratégica no governo Hollande, mas sem a mínima visibilidade, foi desde o início atribuída a Macron. Como secretário-adjunto da presidência, não parou de brigar com dinossauros avessos às inovadoras recomendações da

Comissão Attali. Justamente o ideário fortalecido por sua experiência imediatamente anterior no histórico banco Rothschild Frères. Quatro anos durante os quais havia granjeado largo prestígio no mundo empresarial, além de ter enriquecido. De 2009 a 2013 embolsou 2,8 milhões de euros, informa a alta autoridade para a transparência da vida pública.

Frustradíssimo com as derrotas sofridas durante essa anacrônica primeira fase do governo Hollande - que teve como ministro da economia o deputado protecionista Arnaud Montebourg - o inquieto Emmanuel foi fisgado, aos 37 anos, pela doce vida acadêmica. Primeiro na universidade de Berlim, e logo depois na britânica LSE. Mas foi brevíssima tal passagem pela docência/pesquisa, pois não tardou a reviravolta política que levou Hollande a convocá-lo para o comando da economia, da indústria e do digital.

Como ministro, elaborou em poucos meses uma lei “para o crescimento e igualdade das oportunidades econômicas”, conhecida como “Lei Macron”. Ampla revogação de obsoletas regulamentações, como pré-requisito de futuro impulso ao crescimento. Embora tenha tido muitos êxitos em obstinada persuasão de parlamentares, sua lei exigiu recurso a um dispositivo da Constituição de 1958 que permite driblar escrutínios parlamentares. Só pôde ser promulgada depois que o Conselho Constitucional rejeitou quase integralmente o agravo das oposições.

Mas, atenção: foi o mediático debate em torno desse diploma que deu alta visibilidade a Macron. Seu desconhecimento despencou de 47% para 18% entre outubro de 2014 e fevereiro de 2015. Ganhar 30 pontos de notoriedade em meros cinco meses foi proeza bem excepcional, que evidentemente o encorajou a convocar, já para março de 2015, o primeiro meeting com os fãs que um ano depois se juntariam na formação do “En Marche!”.

Claro, muito mais precisaria ser dito para alicerçar a proposição de que a credibilidade, a confiabilidade e a viabilidade políticas alcançadas por Macron resultaram principalmente de histórica mutação ideológica que nem de longe ocorreu por estas plagas. A mutação que fez com que nas últimas décadas boa parte dos socialistas europeus evoluíssem para o liberalismo socioambiental. Processo muito bem contado pelo economista britânico Geoffrey Hodgson em “My long journey from socialism to liberalism”: <http://newpolitics.apps-1and1.net/my-long-journey-from-socialism-to-liberalism>

---

**José Eli da Veiga** tornou-se professor sênior do IEE/USP (Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo) após trinta anos de docência no Departamento de Economia da FEA/USP (1983-2012). Mantém dois sites: [www.zeeli.pro.br](http://www.zeeli.pro.br) e [www.sustentaculos.pro.br](http://www.sustentaculos.pro.br)